CADERNO
Fé e Cultura

Edição 04
12 de outubro de 2022

Use o QRCode para acessar o Caderno Cultural na Internet, com mais artigos e links citados.

O SÃO PAULO
NÚCLEO FÉ E CULTURA
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Quando ciência e Cristianismo se encontram na busca da sabedoria

Núcleo Fé e Cultura

Arte: Sergio Ricciuto Conte

É notório que o Cristianismo buscou desde logo o diálogo com a Filosofia, reconhecendo a validade e até a necessidade da busca humana pela verdade e pelo conhecimento sobre o real (cf. *Fides et ratio*, FR 1-6). Contudo, o diálogo entre o catolicismo e a ciência muitas vezes é pouco conhecido até mesmo entre os católicos. Somos, até hoje, vítimas de um preconceito iluminista, que vê na Idade Média uma "idade das trevas" e nega a razoabilidade da própria fé, reduzida a superstição. Como poderia um pensamento supersticioso, reminiscência de um período de trevas, dialogar com as luzes da razão que nos iluminam por meio da ciência?

Num drama irônico, o século XX, marcado pelo mais impressionante crescimento científico já registrado, tempo do mais eficiente domínio científico do ser humano tanto sobre a natureza quanto sobre o próprio ser humano, inaugurou um período de ceticismo e descrença sobre o alcance e o potencial da ciência para trazer felicidade ao ser humano. Nunca produzimos tanto alimento, nunca curamos tantas doenças, nunca transpusemos distâncias com tal facilidade – mas também nunca a morte foi tão cientificamente projetada como nas guerras modernas, nunca os sistemas naturais foram tão abalados pela atividade humana, nunca o conhecimento da mente e do comportamento humanos foram tão eficientemente utilizados para conduzir e dominar multidões. A admiração, genuína e válida, oscila entre o fascínio e o medo, a veneração e a negação.

Em nossos tempos, o providencial realismo cristão, que nos lembra, nas palavras do Papa Francisco, de que "a realidade é mais importante do que a ideia" (*Evangelii gaudium*, EG 231-233), não pode prescindir da ciência. Ela se tornou o instrumento mais eficiente para o conhecimento do mundo material, graças ao desenvolvimento do método científico e aos mecanismos de verificação das informações divulgadas por um sistema internacional de avaliação por pares (todo trabalho científico apresentado numa publicação especializada tem que ser revisto por especialistas, para verificar a pertinência e a confiabilidade dos resultados).

Contudo, a ciência não é mais do que uma descrição dos fenômenos e a compreensão das relações materiais de causa e efeito que os cercam. A própria filosofia da ciência mostra exaustivamente que a ciência não pode pretender uma resposta às questões do sentido da vida, da ética pessoal e da responsabilidade político-social. Quando alegamos estar tomando decisões com base na ciência, estamos apenas usando os dados científicos para decidir o que consideramos melhor para nós. A ciência procura nos informar o que está acontecendo, quais as causas do está acontecendo e, na melhor das hipóteses, o que poderá acontecer em decorrências de nossas decisões. Com essas informações, nos dá preciosos elementos para a tomada de decisões, mas não se sobrepõe à sabedoria que deve nos orientar para viver melhor.

Tanto a afirmação de que uma decisão é puramente científica (o chamado cientificismo) quanto a negação da base científica disponível para a tomada de decisões (o negacionismo, tão citado hoje em dia) são mecanismos ideológicos que visam, conscientemente ou não, a legitimar a dominação das consciências. Por isso, como lembra Francisco, falando especificamente da crise ecológica, mas apresentando uma verdade que vale para a resolução dos mais variados e complexos problemas da sociedade atual, necessitamos não apenas da resposta científica, mas também das "diversas riquezas culturais dos povos, a arte e a poesia, a vida interior e a espiritualidade" (*Laudato si'*, LS 63).

O diálogo entre os conhecimentos é vital para a sobrevivência e para a própria felicidade do ser humano em nossos tempos. Sabendo disso, trazemos neste Caderno Fé e Cultura uma apresentação da Academia Pontifícia de Ciências, voltada especificamente ao diálogo entre o catolicismo e a ciência contemporânea, escrita por Marina M. do Amaral Pais. Como 4 de outubro é o Dia de São Francisco, contamos também com um artigo do professor Marcos Aurélio Fernandes, do departamento de Filosofia da UnB, sobre a relação entre o franciscanismo e os primórdios da ciência moderna – uma leitura fascinante para nos mostrar como a fé, vivida como paixão pelo real, pode iluminar e lançar-nos ao encontro com o desconhecido.

E já que o tema é a descoberta e nossa incessante busca pelo conhecimento do desconhecido, Rafael Ruiz, professor de história da UNIFESP, nos sugere a minissérie *Sem Limites*, que rememora a primeira viagem de volta ao mundo, realizada sob o comandado do português Fernão de Magalhães e do espanhol Juan Sebastián Elcano. E o professor Raul Cesar Fernandes, do Centro Universitário da FEI, indica *O Homem que foi Quinta-Feira*, de G.K. Chesterton, um livro sobre "a busca por compreender o mistério da realidade, aquilo pelo que vale a pena viver", nas palavras de Raul.

O Caderno Fé e Cultura é uma publicação quinzenal do jornal "**O SÃO PAULO**", com coordenação editorial do Núcleo Fé e Cultura da PUC-SP. **Diretor responsável e editor:** Padre Michelino Roberto. **Coordenação editorial:** Francisco Borba Ribeiro Neto. **Revisão:** José Ferreira Filho e Daniel Gomes. **Diagramação:** Jovenal Alves Pereira. **Impressão:** Gráfica OESP. **Conselho editorial:** Alexandre Gonçalves, Alline Luiza de Abreu Silva, Bruno Muta Vivas, Diogo Chiuso, Gustavo Catania, Ivonete Kuerten, João Cortese, Luís Henrique Marques, Maria Nazaré Lins Barbosa, Rodrigo Pires Vilela da Silva, Vandro Pisaneschi.

A Igreja e a árvore das ciências

Marina Milanello do Amaral Pais*

Imagem: https://pxhere.com/en/photo/1136260

"Precisaria a Igreja da ciência? Certamente que não, a cruz e o Evangelho bastam-lhe. Mas ao cristão nada de humano é alheio. Como poderia a Igreja desinteressar-se da mais nobre das ocupações estritamente humanas: a busca da verdade?" (Mons. Georges Lemaître (1894-1966), astrofísico, precursor da teoria do "Big Bang" e um dos presidentes da Academia Pontifícia das Ciências citado por SÃO JOÃO PAULO II, no Discurso à Academia por ocasião do primeiro centenário do nascimento de Albert Einstein).

A relação Igreja e ciência pode soar para muitos um grande conflito, como se nossa adesão à fé fosse provada quando preterida à ciência. E, para combinar com essa lógica, supõe-se que o cientista exitoso leve uma vida caracterizada pela rejeição à fé.

Portanto, causa certa surpresa encontrar na estrutura organizacional da Igreja a Pontifícia Academia de Ciências, considerada uma das mais conceituadas entidades científicas do mundo. Tem suas raízes na Academia dos Liceus, fundada em Roma, que existiu de 1603 a 1630, e foi a primeira academia exclusivamente científica do mundo. Em 1847, foi restabelecida pelo Papa Pio IX, e, em 1936, renovada e reconstituída por Pio XI, que lhe deu o nome atual.

Eleitos pelos demais acadêmicos e nomeados pelo Santo Padre, seus 80 membros são cientistas reconhecidos internacionalmente. Entre eles encontram-se desde Stephen Hawking (1942-2018), um proclamado ateu, popularizador da Cosmologia, até Jérôme Lejeune (1926-1994), católico zeloso, descobridor da anomalia cromossômica responsável pela Síndrome de Down, grande defensor da vida e um dos idealizadores da Pontifícia Academia Pró-Vita.

Ao cultivar a ciência, por meio da Academia, a Igreja estimula o desenvolvimento de uma frondosa árvore, cujos ramos são as diferentes áreas do conhecimento científico, e assim pode colher três preciosos frutos.

O primeiro fruto é o da fidelidade ao anúncio de Cristo, como alertado por São João Paulo II, numa carta ao Pe. George V. Coyne, na época diretor do Observatório Astronômico Vaticano, "a ciência pode purificar a religião do erro e da superstição". Visto que fé e ciência provêm da mesma fonte divina de toda a Verdade, corremos o risco de sobrepô-las se não entendermos que pertencem a duas diferentes ordens de conhecimento, desvirtuando a Palavra de Deus com falsas interpretações. As Sagradas Escrituras são um tesouro para nós, mas nelas não estudamos ciências, mas conhecemos a Cristo, o Verbo encarnado do Pai, latente no Antigo Testamento e revelado no Novo Testamento.

O segundo fruto considera a condição material da humanidade e o serviço que a ciência presta ao ser humano visando a prover suas necessidades físicas. Continua São João Paulo II, na carta citada, "a religião pode purificar a ciência da idolatria e do falso absolutismo"; portanto, a ciência não fica ensimesmada em si mesma, é para nós.

A Igreja é chamada, pela sua essencial vocação, a promover o desenvolvimento integral do ser humano, porque, como explica São João Paulo II na encíclica *Redemptor Hominis* (RH 14), ele é o primeiro caminho que a Igreja deve percorrer no cumprimento da sua missão, via traçada pelo próprio Cristo.

Tendo em vista o princípio do destino universal de todos os bens da criação, Bento XVI, numa carta à então presidente da Pontifícia Academia de Ciências Sociais, Mary Ann Glendon, nos ensina que "tudo aquilo que a terra produz e tudo o que o ser humano transforma e fabrica, toda a sua ciência e a sua tecnologia, tudo deve servir para o bem do desenvolvimento e para a realização da família humana e de cada um dos seus membros".

Como terceiro fruto para a Igreja, a Academia incentiva a conciliação entre a fé e a ciência, colaborando para que todos, representantes da Igreja, membros católicos, membros que professam outras religiões e membros ateus, se reúnam na procura da Verdade, busca que foi colocada no coração do ser humano por Deus. Nesse sincero diálogo, se destacaram ocasiões muito importantes, como as primeiras pesquisas de datação do Santo Sudário (1988), a reabilitação de Galileu Galilei (processo de 1981 a 1992) e a compreensão de como a evolução é compatível com a fé católica.

Sobre a questão da evolução, por exemplo, sobressaem justamente as palavras de São João Paulo II e do Papa Francisco proferidas à Pontifícia Academia de Ciências. O primeiro, em 1996, lembrava: "Em sua encíclica *Humani generis* (1950), meu predecessor Pio XII já afirmou que não há conflito entre a evolução e a doutrina da fé sobre o homem e sua vocação, desde que não percamos de vista certos pontos fixos [...] Hoje, mais de meio século após o aparecimento dessa encíclica, algumas novas descobertas nos levam a reconhecer a evolução como mais do que uma hipótese". O Papa Francisco, no encerramento de uma sessão plenária sobre o tema em 2014, declarou que "a evolução na natureza não se opõe à noção de Criação, porque a evolução pressupõe a criação dos seres que evoluem".

Atualmente, o trabalho da Academia compreende seis grandes áreas: Ciência fundamental, Ciência e tecnologia dos problemas globais, Ciência para os problemas do mundo em desenvolvimento, Política científica, Bioética e Epistemologia.

Que a Pontifícia Academia de Ciências possa sempre cultivar essa árvore de bons frutos, pois "a ciência em si mesma é boa, por ser conhecimento do mundo que é bom, criado e visto pelo Criador com satisfação" (SÃO JOÃO PAULO II. Discurso à *European Physical Society*).

Famosos acadêmicos laureados com o Nobel

	Nascimento e Morte	*Nacionalidade*	*Prêmio Nobel*	*Nomeação*
Max Planck	1858-1947	alemão	Física - 1918	1936
Ernest Rutheford	1871-1936	britânico naturalizado	Química -1908	1936
Erwin Schrödinger	1887-1961	austríaco	Física -1933	1936
Niels Bohr	1885-1939	dinamarquês	Física - 1922	1939
Alexander Fleming	1881-1955	britânico	Fisiologia e Medicina - 1945	1946
Werner Heisenberg	1901-1976	alemão	Física - 1932	1955

Acadêmicos brasileiros

	Nascimento e Morte	*Atuação*	*Nomeação*
Antonio Cardoso Fontes	1879-1943	Médico, presidente da Fundação Oswaldo Cruz de 1934 a 1942	1941
Aloysio de Castro	1881-1959	Médico	1948
Carlos Chagas Filho	1910-2000	Médico, Presidente da Pontifícia Academia de Ciências de 1972 a 1988	1961
Fritz Feigl	1891- 1971	Químico	1970
Crodowaldo Pavan	1919-2009	Geneticista, Presidente do CNPq de 1986 a 1990	1978
Johanna Döbereiner	1924-2000	Agrônoma	1978
Vanderlei Bagnato	1958-	Físico	2012
José Nelson Onuchic	1958-	Biofísico	2020

* Integrante do Projeto Veritatis Mater, doutora em Ciências Biológicas pela Universidade de São Paulo, especialista em criminalística e botânica, trabalha na Superintendência da Polícia Técnico-Científica de São Paulo.

São Francisco e a ciência da experiência

*Marcos Aurélio Fernandes**

Pintura a óleo por Ernest Board

Roger Bacon em seu observatório no Merton College, Oxford

Ciência é uma forma de saber e de consciência humana sempre a caminho e em transformação. Cada época, pois, tem um sentido de ciência que lhe é próprio. A palavra medieval "*scientia*" (ciência) nomeia e evoca um saber (*scire*). Mas "saber" quer dizer, segundo a tradição grega, *ver*. Saber é ter visto. Ver, por sua vez, é captar, intuir, ter evidência, clarividência do que se mostra (o fenômeno). Ver é, aqui, conhecer, no sentido de descobrir, abrir, desvendar o real, as realizações, a realidade. Ciência é vidência, evidência, clarividência. É o acontecer da abertura e da iluminação da realidade. Para os medievais e os antigos, o conhecimento não estava fora do real, de frente para ele. O conhecimento era a realidade se aclarando a si mesma. E a ciência era, antes de tudo, o ver simples e imediato da realidade se autoaclarando. Por isso, ciência supunha experiência. Experiência significa o imediato, direto, contato e encontro com o real, com as realizações, com a realidade. A experiência é o "meio" (elemento) no qual o homem vive. A ciência é o amadurecimento da clarividência da experiência pela compreensão do intelecto. Como o homem é um microcosmo, para os medievais a aclaração do ser humano é, já por si mesma, uma aclaração do universo. É a partir da experiência como "*páthos*" que cresce e emerge toda a ciência. O saber pressupõe o conhecer como receptividade ao atingimento do real no acontecer do viver humano. Nesse sentido, experiência não é algo que o homem faz, mas o que e como ele é, e vive.

A experiência, tomada neste sentido amplo, fundamental, originário, vem antes de toda a observação e de todo o experimento. O homem é posto à prova pela realidade da vida, antes de pôr à prova, pelo experimento, o real. É a partir do apelo da experiência primordial e sua provocação que o ser humano sai em busca do real para conhecê-lo melhor e, assim, o pôr à prova, perseguindo-o e indagando-o, e estabelecendo conjecturas. A "*experientia*" dos medievais tem este sentido mais básico e amplo. O experimento dos modernos, operado como controle ativo da experiência, sustentado pelo projeto racional de matematização, tem outro sentido.

Ciência, para os antigos e medievais, era não somente apreensão, mas também compreensão. A compreensão é antes de tudo operativa e prática. É um entender no sentido de ter uma visão projetiva e antecipadora de possibilidades de ser. Compreender é, assim, um poder ser criativo. *Scientia* (ciência) e *ars* (arte), nesse sentido, se equivaliam. As artes podem ser mecânicas (artes do negócio) ou liberais (artes do ócio). As artes ou saberes confluem com as ciências filosóficas: operativas, práticas e teóricas. Estas, por sua vez, se reconduzem à "ciência universal" da fé (Teologia). O conhecimento empírico ou racional, intuitivo ou abstrativo, indutivo ou redutivo, axiomático ou dedutivo, são iluminações que emanam de Deus, o "Pai das luzes". Todo o saber se desenvolve seja no lume natural da razão, seja no lume sobrenatural da fé-revelação divina. Toda iluminação do saber, porém, se dá no meio (elemento) da experiência da via real.

A ciência experimental de São Francisco impactou a ciência de sua época. O que já foi chamado de "pré-decisão franciscana" tem vários êxitos na história da filosofia-teologia e da ciência ocidental. Ela teve êxitos diversos em mestres escolásticos como Alexandre de Hales, São Boaventura e João Duns Scotus. Na escola franciscana de Oxford, fundada por Grosseteste, e exemplarmente representada por Roger Bacon, a "pré-decisão" do espírito da ciência de São Francisco vigora como ciência experimental. Para Bacon, a experiência é a certificação primeira e última do conhecimento. Mas a experiência pode ser exterior (ciências naturais) e interior (ciência moral e ciência mística). Nesta escola, a ciência grega, baseada no primado do lógos, da definição e da demonstração, conflui com a ciência árabe, baseada na intencionalidade e na determinação. Nela, o cosmo é entendido a partir da luz (física e metafísica da luz). Aqui começa uma interpretação geométrica da natureza, bem como as primeiras aventuras com o experimento. Aqui a alquimia se descerra como um campo apaixonado de estudos. Aqui se espera da ciência uma melhoria da vida humana, a partir de suas capacidades de inventividade e engenhosidade. Aqui todo o estudo da tradição deve ser feito a partir do conhecimento das línguas que estão à base das tradições sapienciais da humanidade. Aqui a própria metafísica se subordina à ética e todo o saber humano se reconduz para o saber da Palavra de Deus, que oferece uma ciência prática salutar, pois comunica a salvação do Deus encarnado. Roger Bacon quis convencer seu amigo, o Papa Clemente IV, de que toda a reforma da cristandade dependia, em última instância, de uma reforma dos estudos e das ciências. Algo do sonho joaquimita de uma era nova do Espírito vinha acompanhada com o sonho de uma humanidade em que a ciência e as artes abririam caminhos para uma humanidade em que a plenitude da vida pudesse se fazer sentir de uma maneira mais ampla, profunda e originária. Ressonância do espírito de São Francisco e de sua ciência originária da experiência?

Francisco e a ciência. Podemos dizer que São Francisco de Assis foi um grande mestre da ciência da experiência em sentido primordial. Sua ciência era a vidência transparente e a clarividência do contato direto e imediato com a vida real. Sua ciência era uma experiência e clarividência radical do ser e do nada. Ele, que se chamava a si mesmo de louco, de simples e idiota, foi um dos maiores pensadores da história. Francisco era um ser humano que se media com o real da vida de uma maneira radical. "Radical" significa, aqui, desde a raiz, originário. Sua experiência de encontro corpo a corpo com o absoluto na vida real era marcada por uma espécie de desapego, de vazio, de niilidade, chamada de "pobreza". Pelo modo radical e livre com que ele se mediu com a vida humana fática, real, ele cresceu na vidência e na clarividência, na iluminação e na leveza, de um saber que pode ser chamado de "gaia ciência", isto é, ciência alegre, serena, jovial. Sua espiritualidade, sua mística, era uma ciência originária: a ciência do mundo da origem. Sua ciência era uma ciência universal: seguia o todo por toda a parte, acolhendo a unidade de tudo, recolhendo cada diferença neste acolhimento. Sua ciência era uma ciência hermética: consciente dos abismos da vida humana, de seu mistério e de seu silêncio. Sua ciência se tornava, nessas dimensões, uma nesciência: douta ignorância, para evocar Santo Agostinho e Nicolau de Cusa. A sua era uma ciência mística, radicada numa profunda experiência espiritual do seguimento de Jesus Cristo pobre, humilde e crucificado, e que voava muito acima do terreno em que corriam as discussões escolásticas.

* Professor da Universidade de Brasília (Departamento de Filosofia). Possui graduação em Filosofia e Teologia, doutorado pela Pontifícia Universidade Antonianum (Roma). Dedica-se à pesquisa na área de fenomenologia, de filosofia medieval, de filosofia da religião e filosofia da educação. É autor de *A clareira do ser* (*Editora Daimon*) e de vários capítulos de livros e artigos na área da Filosofia.
Fonte: https://www.lookandlearn.com/

Uma saga humana da transcendência dos próprios limites

*Rafael Ruiz**

Reprodução

A minissérie *Sem Limites,* produzida pela Amazon Prime e RTVE, rememora uma das gestas mais grandiosas da navegação de todos os tempos: a primeira vez que alguns homens, comandados pelo português Fernão de Magalhães e pelo espanhol Juan Sebastián Elcano, deram a volta ao mundo, entre 1519 e 1522.

Sempre que é lançado um filme ou uma série desse tipo, uma das primeiras perguntas que me fazem é, inevitavelmente: "Mas é filme ou é verdade?" E sempre, também inevitavelmente, respondo: "Fique tranquilo, é filme".

E este é um bom filme. Está bem contado, capta a atenção do espectador desde o primeiro momento e sabe manter uma tensão entre as personagens principais, as suas metas e expectativas, pelo menos durante os três primeiros episódios, quando se chega ao clímax da rebelião e o motim promovidos por grande parte da tripulação contra o comandante da Armada. A partir daí, o filme decai um pouco, não muito, talvez até mesmo porque a própria navegação depois de passagem pelo Estreito também se tornou lenta e demorada.

Criada e dirigida pelo britânico Simon West, a série traz dois grandes atores conhecidos do público brasileiro: Rodrigo Santoro, no papel de Magalhães, e Álvaro Morte, que protagonizou a série *La Casa de Papel*, no papel de Elcano.

A tensão dramática é muito boa nos primeiros episódios. Magalhães encontra-se desprestigiado na corte portuguesa, tenta falar com o Rei ou com o seu círculo mais próximo para explicar o seu projeto, mas ninguém tem interesse em escutá-lo. Para os ouvidos lusitanos, a aventura de dar a volta ao mundo, precisamente na direção oposta à que já estavam fazendo desde muitíssimo tempo, não passava de loucura e insensatez. Magalhães, portanto, decidiu não apenas mudar de Corte, e procurar o Rei Carlos V, ainda muito jovem, com 19 anos, que era Imperador do Sacro Império Romano Germânico, como também se naturalizou.

A Coroa de Portugal considerou um gesto de traição, mas já era muito tarde. A empresa foi aprovada e financiada pela Coroa de Castela e, para afiançar possíveis desentendimentos ou futuras traições, os melhores pilotos da Coroa, entre eles Elcano, foram à frente de cinco naves, com uma função explícita de ajudar o almirante-geral Magalhães, e, implicitamente, vigiá-lo se fosse necessário.

A Armada saiu no dia 10 de agosto de 1519, com cinco naus e pouco mais de 260 homens. Graças a um ilustre navegante, historiador e humanista, Antonio Pigafetta, que aparece representado perfeitamente na série, o mundo todo pode ter acesso em primeira mão ao relato sobre essa enorme aventura. A sua *Relazione del Primo Viaggio intorno al Mondo* foi publicada em Paris, em italiano, em 1525, três anos depois de completar-se a gesta. Em vários momentos, vemos o cronista anotando no seu livro suas impressões, suas descobertas e suas perplexidade, medos e sonhos. De alguma forma, a voz de Pigafetta vai marcando o desenvolvimento da série e vai nos permitindo conhecer melhor essas duas grandes personagens, Magalhães e Elcano.

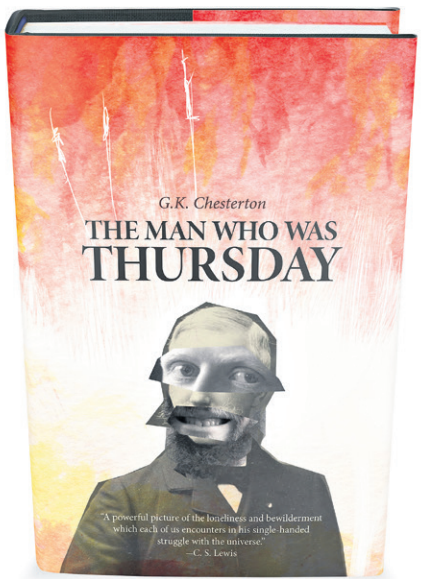
Em fins de dezembro de 1520, conseguiram ultrapassar o labirinto de ilhas que compõem o Estreito e, em fins de abril de 1521, chegaram às Filipinas, onde Magalhães perderia a vida num enfrentamento com os habitantes daquelas ilhas. Quando em 8 de setembro de 1522 chegam apenas 18 homens no porto de Sevilla, dirigem-se diretamente – isso não aparece no filme, mas sim nos documentos – ao convento franciscano de Triana, o bairro marinheiro do porto do Guadalquivir, para dar graças e rezar perante a Virgem da Vitória, diante de quem se tinham ajoelhado na hora de sair, três anos antes, como era costume entre os marinheiros que iam para a América.

* Professor de História da América da UNIFESP

Poetas, policiais e anarquistas: a aventura humana segundo Chesterton

Raúl Cesar Gouveia Fernandes*

Reprodução



CHESTERTON, G.K. *O homem que foi Quinta-feira: um pesadelo*. Várias edições, de várias editoras.

A diversificada obra do escritor inglês Gilbert Keith Chesterton (1874-1936) abrange os campos da Filosofia, da Teologia e da Literatura. Sua criação mais famosa talvez sejam os contos protagonizados por Padre Brown, um sacerdote católico capaz de resolver intrincados crimes graças à sua compreensão da natureza humana, cujas aventuras foram objeto de recente adaptação televisiva. A inusitada fusão entre padre e detetive ilustra um aspecto fundamental da obra de Chesterton: o convite ao uso pleno da razão, necessário tanto para decifrar a autoria de um delito quanto para encontrar uma resposta à pergunta sobre o sentido da vida. Assim, de forma inteligente e lúdica, o autor chama a atenção para o tradicional debate entre fé e razão.

O mesmo tema reaparece em *O Homem que Foi Quinta-Feira*, o divertido livro de que nos ocuparemos aqui. O romance principia por um debate entre dois personagens também incomuns: Syme, um policial-poeta, defensor da ordem e da moral, e outro poeta, o anarquista Gregory, que canta a beleza do caos e da violência. A partir disso – e informado de que Chesterton converteu-se ao catolicismo em 1922 –, o leitor pode supor que o objetivo da obra seja a simples reprodução da disputa entre as duas posições, a fim de "comprovar" o erro do anarquismo. Mas não é disso que se trata.

Após a discussão entre os dois poetas, Syme vê-se envolvido numa incrível aventura, cheia de reviravoltas e revelações surpreendentes. Por trás do enredo policial, desenvolve-se uma história em que o enigma a ser desvendado não é apenas a descoberta da identidade do misterioso líder do Comitê Central dos Anarquistas. O que está em jogo, na verdade, é a busca por compreender o mistério da realidade, aquilo pelo que vale a pena viver.

Percorrendo as inúmeras peripécias narradas no romance, o leitor percebe aos poucos que nada é o que parecia de início. Conhecido como o "príncipe dos paradoxos", Chesterton acaba por demonstrar que a solução para o enigma da existência não está numa ideologia – seja na proclamação de valores morais ou do bom-senso (como no caso de Syme), seja na declaração da autonomia radical do homem, rejeitando toda forma de "submissão" a governos ou até a Deus (como prega o anarquismo de Gregory). Tanto é verdade que, na discussão entre os dois, no início do livro, ambos soam esquemáticos e um pouco ridículos.

Que fique claro: o autor está longe de ser relativista, insinuando que tanto faz escolher uma ou outra das opções descritas. O que ele sugere é que todo homem, para além de sua opção ideológica, é caracterizado por uma busca, por uma pergunta diante do mistério do ser. Esse é o motivo pelo qual, por meios inesperados, descobre-se com surpresa que policiais e anarquistas têm muito em comum.

Em suma, por trás de sua história engraçada e envolvente, *O Homem que Foi Quinta-Feira* propõe um desafio. Ao estimular a curiosidade do leitor para decifrar o mistério do enredo, o livro representa também um convite a refletir sobre o segredo da própria vida. E para isso, diz o autor, não há respostas fáceis: é preciso persegui-las com toda a liberdade e inteligência, permanecendo abertos às surpresas que certamente surgirão pelo caminho. Mais do que fórmulas prontas, Chesterton enaltece a beleza da aventura humana: a busca de sentido neste mundo, que tantas vezes parece absurdo, mas que também pode ser sinal de um Deus que não deixa de ser bem-humorado.

* Professor do Centro Universitário da FEI